

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

### **A TIRANIA DA CASTIDADE: UMA LEITURA COMPARATIVA DE *A CASA DE BERNARDA ALBA E AS VIRGENS SUICIDAS***

*Anna Carolina de Azevedo Caramuru*

#### INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o espaço ficcional da casa na obra literária *A Casa de Bernarda Alba* (1936), de Federico García Lorca, e na obra cinematográfica *As Virgens Suicidas* (1999), de Sophia Coppola. Para este estudo utilizaremos, principalmente, as teorias de Foucault (2001) e Bachelard (1993) sobre a concentração de sentidos e o poder contestatário dos espaços. Nas obras em questão, os valores tradicionalmente atribuídos à casa se modificam ao ponto de remeterem ao cárcere e até ao túmulo.

Partindo do princípio de que a paisagem é uma projeção das identidades humanas, seu receptáculo, a paisagem deve ser lida, assim como os espaços, para que se compreenda como se organizam, quais suas funções, que fatos sociais e culturais os marcaram.

É a casa nas obras analisadas o espaço mimetizado, espaço de ficcionalizações. É mais que um simples lugar. A leitura deste espaço é fundamental para a compreensão mais profunda das histórias, assim como a de seus demais personagens.

As obras selecionadas para este estudo são dramas encenados em que a casa é o elemento cristalizador do trágico.

No primeiro capítulo, definiremos o que é espaço com base nos teóricos Bossé (1999) e Foucault (2001) para depois vermos a concepção tradicional de casa como lugar de proteção, não nos esquecendo de sua ligação com a figura feminina e materna. Para aclarar o sentido ficcional da casa contaremos principalmente com Bachelard (1993) e seus estudos que se concentram no espaço de dentro.

Buscaremos compreender, no segundo capítulo, como a casa se transforma em cárcere, analisando as formas de domínio empregadas para reprimir a sexualidade das Alba e das Lisbon e de que

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

forma elas se rebelam contra essa tirania. O texto de Foucault, *O Combate da Castidade* (2004), será de grande relevância.

Finalmente, no terceiro capítulo, trataremos do último valor aqui atribuído à casa: o de túmulo. Aqui se pretenderá evidenciar que valores ficcionais são atribuídos ao espaço da casa para que ele assumira tal papel.

### **1. O espaço da casa**

O espaço é “um foco identitário em todas as escalas espaciais, desde o espaço cotidiano e familiar da casa (*home*) até o território da coletividade nacional (*homeland*)” (BOSSÉ, 1999, p. 166).

Michael Foucault, em *Outros Espaços* (1984), afirma que as oposições dos espaços públicos/privados, familiar/social, cultural/útil, ócio/trabalho, ainda são movidas pelo que ele chama de uma “secreta sacralização”. Segundo o autor, “não vivemos em um espaço vazio, mas, pelo contrário, em um espaço repleto de qualidades, um espaço que talvez seja também povoado de fantasma.” (*Idem*, p. 413).

A casa é nossa primeira morada no mundo após deixarmos o ventre materno. É lugar de proteção, espaço da intimidade e da memória.

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. (BACHELARD, 1993, p. 26)

Por isso é tão forte a ameaça de expulsar alguém de casa: por alguém para fora de casa é atirá-lo à hostilidade mundana, aos perigos da vida; é sacar-lhe a proteção, o eixo.

A casa possui vida própria, é um ser ativo, um personagem que deve ser lido e desvendado. Em *A Casa de Bernarda Alba* e em *As Virgens Suicidas*, é a casa o espaço mimético, de ficcionalizações. O espaço da casa é receptáculo das identidades daqueles que a habitam, de suas projeções. Em cada cômodo, em cada móvel e objeto, se inscrevem pertencimentos, identidades.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Sobre as imagens da casa, Bachelard afirma que “estão em nós tanto quanto estamos nelas” (1993, p. 20). A casa da Bernarda e a casa da Sra. Lisbon exprimem o que elas são. As pessoas tendem a imprimir nos lugares características do que são, ou do que desejam ser.

A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Incessantemente reimaginamos a sua realidade: distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa. (BACHELARD, 1993, p. 36).

Desvendar os mistérios de uma casa é como desvendar ao outro. Em *As Virgens Suicidas* os garotos da vizinhança não se cansam de espiar aquela casa, há certa obsessão em descobrir o que se passava no interior dela, no interior daquelas meninas, que eram como ninfas para eles, habitando seus imaginários, sendo objetos de seu fascínio e devoção. Cada item recolhido da casa era como um tesouro precioso. Em suas lembranças e devaneios, as habitantes daquela casa apareciam com coroas de flores, dançando em meio a árvores e unicórnios.

Por mais acolhedora que possa ser a casa alheia, não nos sentimos totalmente à vontade no espaço do outro. Isso ocorre porque se trata de um espaço privado, que resguarda a intimidade. Só entra em uma casa quem é convidado: quem entra sem esse convite é invasor.

O quarto é seu local mais privado. O jardim, o mais público, ainda mais que a sala de visitas, que ainda tem a intimidade resguardada pelas paredes da casa. Era no jardim que as irmãs Lisbon mais eram mais livres, onde tinham suas árvores. As Alba nem essa parte externa da casa possuíam, já que seus pátios eram também murados.

“No equilíbrio íntimo das paredes e dos móveis, pode-se dizer que tomamos consciência de uma casa construída pelas mulheres. Os homens só sabem construir casas do exterior”, afirma Bachelard (1993, p. 81). Portanto, é a casa espaço essencialmente feminino.

Em um universo de hostilidades, o homem sonha com a casa natal, ambiente onde vivem os seres protetores. Bachelard fala de uma “maternidade da casa”. Dentro de uma poética espacial, a casa pode ser também um porto seguro, uma fuga, lugar conhecido ao qual se pode voltar nas dificuldades, assim como se recorre a uma mãe: a casa é um ninho. Sonha-se voltar à casa como um pássaro a

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

seu ninho: “a casa do passado se transformou numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas (...) A casa é a própria pessoa, sua forma e seu esforço mais imediato” (BACHELARD, 1993, p. 112-113).

### **2. O cárcere domiciliar**

A casa é como ventre, lugar extremamente feminino, de proteção, refúgio e recordações. Contudo, também pode possuir um aspecto castrador, representativo de uma mãe dominadora, tirânica, o que se evidencia em *As Virgens Suicidas* e, principalmente, em *A Casa de Bernarda Alba*. O sentimento de posse já está explícito no título da obra literária: não é a casa das Alba, mas a casa de Bernarda Alba.

Há uma dupla natureza da casa, que acolhe e reprime. Ao mesmo tempo em que suas paredes nos acolhem e protegem também nos isolam. De reduto protetor, a casa passa a cárcere. Aqui nos deparamos com uma rivalidade entre casa e mundo, interior e exterior, pois tanto as Alba quanto as Lisbon passam a ser privadas do contato com o mundo exterior à casa, presas em seu próprio lar.

A princípio, estas casas poderiam ser como qualquer outra. A casa de *As Virgens Suicidas*, *a priori*, é uma típica casa perfeita de subúrbio estadunidense. A casa de Bernarda também é uma casa bastante característica da Espanha: uma casa grande com um pátio central. Contudo, tais espaços vão contestar o valor que se tem tradicionalmente atribuído à casa.

A descrição inicial da casa de Bernarda já nos diz muito sobre este espaço:

*Habitación blanquísimas del interior de la casa de Bernarda. Muros gruesos. Puertas en arco con cortinas de yute rematadas con madroños y volantes. Sillas de anea. Cuadros con paisajes inverosímiles de ninfas o reyes de leyenda. Es verano. Un gran silencio umbroso se extiende por la escena* (GARCÍA LORCA, 2007, p. 33)

A casa era cercada por muros grossos, que impediam que a casa tivesse contato com o mundo exterior. Os cômodos eram branquíssimos, refletindo a obsessão de Bernarda pela limpeza, assim como pela honra e pela castidade: há que se a mais asseada, a mais

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

decente, a mais pura. O próprio nome Alba é repleto de simbologia: a tradução de Alba é alva, sinônimo de branco.

Pela casa de *As Virgens Suicidas* há quadros de paisagens bucólicas, calmas, como se aquelas paisagens devessem reger o andamento da casa. Em *Bernarda Alba* esse tipo de pintura também impera: “Cuadros con paisajes inverosímiles de ninfas o reyes de leyenda” (GARCÍA LORCA, 2007, p. 33). Esses quadros reproduziam o tipo de vida/funcionamento que as matriarcas desejariam ter em suas casas: uma vida harmoniosa, pura, bucólica como as paisagens destes quadros. Um tipo de vida inverossímil para uma casa repleta de mulheres jovens, na idade de descobrirem-se, como indivíduos e seres sexuados.

Tradicionalmente, a casa não é um dos espaços institucionais que fizeram de certos indivíduos objetos de dominação, como os asilos e as prisões. Contudo, nas obras analisadas ela assumirá um papel quase institucional: é necessário que seus habitantes façam-na funcionar dentro de uma ordem, mantendo sua ordem e moral intactas.

Nestas casas há a condenação do prazer, do sexo, sendo adotada uma série de proibições morais, de técnicas de dominação para interditar a sexualidade de suas habitantes. Há uma recusa pelo corpo, condenação desse como algo nocivo. Aquelas mulheres deveriam seguir as obrigações de um comportamento sexual que estivesse de acordo com a moral da sociedade.

Ao lerem o diário de Cecília, os meninos declaram que sentiram “a clausura de ser uma garota”. Presas a normas, a obrigações e convenções morais, é muito difícil ser mulher em uma sociedade extremamente patriarcal e mais ainda em uma sociedade repressora, puritana, em que elas não têm direito a liberdade, como é também o caso das mulheres da casa de Bernarda Alba:

*AMELIA – Nacer mujer es el mayor castigo. (Ibidem, p. 105)*

Todas as visitas que as Lisbon recebem, a festa que é dada para a filha Cecília, tudo acontece sob uma forte vigilância dos pais, principalmente da mãe. Após Lux passar a noite fora de casa, os Lisbons desistem de tentar socializar-se, tiram as filhas da escola e fecham a casa: ninguém de fora entra, nenhuma das Lisbon sai. É como se trancadas estivessem protegidas das impurezas do mundo ex-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

terior. “Estamos sufocando”, diz um das meninas a mãe, mas a resposta que recebe é “aqui estão seguras”. (*As Virgens Suicidas*, 1999)

Havia imagens por toda parte, pelas paredes da casa, pelo chão dos quartos, nas portas. É como se elas estivessem vigiadas o tempo inteiro. Foucault, em *O Combate da Castidade* (2004), afirma que “se o objetivo é finalmente expulsar tudo que é impuro ou indutor e impureza, ele só pode ser atingido por uma vigilância que jamais se desarma” (p. 117)

Essa vigilância constante a que são submetidas as Lisbon também está presente em *A Casa de Bernarda Alba*:

*LA PONCIA* (para Bernarda) – (...) *tú no has dejado sus hijas libres.*  
(GARCÍA LORCA, 2007, p. 120)

*BERNARDA* – *En esta casa no hay un sí ni un no. Mi vigilancia lo puede todo.* (*Ibidem*, p. 150)

*BERNARDA* – *¡No os hagáis ilusiones de que va a poder conmigo! ¡Hasta que salga de esta casa con los pies adelante mandaré en lo mío y en lo vuestro.* (*Ibidem*, p. 78)

A mãe intimidada a todas suas filhas e não deixa que sua casa, assim como seu nome e sua honra, seja manchada. A casa de Bernarda é tão cerrada que nem o vento seria capaz de adentrar:

*BERNARDA* – *En ocho años que dure el luto no ha de entrar en esta casa el viento de la calle.* (*Ibidem*, p. 52)

A casa da família Alba é uma casa sem liberdade. Em ambas as obras analisadas, a casa é o espaço repressor. Dentro daquelas paredes impera uma verdadeira ditadura, ditadura da moral, da castidade.

*MARÍA JOSEFA* – (...) *Aquí no hay más que mantos de luto (...) Yo quiero casas pero casas abiertas.* (*Ibidem*, p. 160)

Um ser puro não deve ter nenhuma espécie de pensamento libidinoso, impuro. De tal modo, o contato com homens deveria ser evitado. Até a música considerada imprópria, que poderia incitar pensamentos e atitudes condenadas, foi queimada no fogo purificador e jogada no lixo, expurgada daquela casa. O fogo ou o lixo, não importava qual destino fosse desde que deixassem a casa, não mais residindo dentro daquelas paredes.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

O silêncio também tem seu lugar na obra de Lorca: *silêncio* é a primeira e a última palavra dita por Bernarda, tirana da casa, palavra essa que define muito bem o conceito de uma ditadura.

Tanto em *As Virgens Suicidas* quanto em *Bernarda Alba*, a sexualidade, os desejos são escondidos, enterrados, e é imposto um silêncio tumular.

*LA PONCIA – (...) ¿Tú ves este silencio? Pues hay una tormenta en cada cuarto. (Ibidem, p. 153)*

Lux e Adela se rebelam contra as imposições da casa. Sua sexualidade trancafiada é a sua principal arma, pois vão agir contra todos os princípios morais da sociedade americana e espanhola. Sexo como arma de rebeldia, como forma de libertação. Foucault (p.100) afirma que “O sexo descontrolado do homem é a imagem daquilo que Adão havia sido em relação a Deus: um rebelde”.

*ADELA – ¡Mi cuerpo será de quien yo quiera! (Ibidem, p. 95)*

Por várias vezes Adela afirma que não quer ficar trancafiada, que quer sair daquela casa, não quer mais os olhos vigilantes sobre ela:

*ADELA – ¡No me mires más! Si quieres te daré mis ojos, que son frescos (...). Pero vuelve la cabeza cuando yo pase (...). No me dejas respirar. (Ibidem, p. 95)*

*ADELA – (...) no quiero estar encerrada (...) ¡Yo quiero salir! (Ibidem, p. 74)*

Adela entrega-se ao noivo de sua irmã mais velha e fruto de sua paixão; Lux passa a dormir com diversos homens, entregando seu corpo para quem ela quiser. Se não podem ser donas de sua vida, ao menos serão de seu próprio corpo. Contudo, os locais escolhidos para as fugas de ambas, são locais exteriores as paredes da casa, livres de sua vigia constante: os encontros de Adela ocorrem no curral da propriedade; os de Luz no telhado da casa.

Ao mesmo tempo em que a casa torna-se sua prisão, a casa é parte delas. Querem fugir, mas tudo o que conhecem está ali, não conhecem o mundo fora daquelas paredes. Bachelard diz que “a casa natal está fisicamente inserida em nós” (p. 33). Tanto em *As Virgens Suicidas* quanto em *A Casa de Bernarda Alba*, aquelas casas eram também elas, eram sua morada e sua prisão, assim como seus corpos:

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Em suma, a *casa* natal gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa; e todas as outras não passam de variações de um tema fundamental. A palavra hábito está demasiado desgastada para exprimir essa ligação apaixonada entre o nosso corpo que não esquece e a casa inolvidável. (BACHELARD, 1993, p. 34)

A mesma casa que as oprime também está carregada de afetividade, de lembranças. A casa e, sobretudo, a família, é a primeira ideia de mundo que se tem. Em um dos depoimentos dados sobre o que sucedera com as Lisbons, uma das vizinhas diz que elas “queriam é sair daquela casa” (*As Virgens Suicidas*, 1999). Mas como abandonar um lugar que “está inserido em nós”, como fugir de sua família, de suas raízes, de seu sangue?

### **3. A última morada**

O que é o túmulo senão uma casa? A última morada, casa dos mortos, morada eterna. Quem morre necessita também de um espaço, de um abrigo, de um lar para poder encontrar o descanso eterno e ser visitado: “o túmulo representa a morada do defunto, tão necessária quanto a casa habitada em vida” (CHEVALIER, 2007, p. 915).

A casa da família Alba é uma casa de luto, repleta de sombras, sem liberdade. É quase um sepulcro. A janela é o único meio de comunicação com o exterior. Semelhante papel tem também a janela em *As Virgens Suicidas*, já que parte da pouquíssima comunicação que as jovens têm com o mundo é alcançada através de sinais enviados de suas janelas. Essa comunicação à distância com os vizinhos, através de sinais, bilhetes com pedidos de ajuda e de músicas tocadas ao telefone, é o máximo de contato que elas têm com o mundo enquanto estão ali, enterradas vivas naquela casa.

Após a primeira tentativa de suicídio da filha caçula, Cecília, a Sra. Lisbon abre a casa pela primeira vez e convida alguns jovens da vizinhança para uma festa. Contudo, a parte da casa destinada a tal reunião não é a sala de visitas ou mesmo o sótão, mas o porão. No porão, as trevas reinam absolutas: “há trevas dias e noite” (BACHELARD, 1993, p. 37). É o porão o túmulo da casa, é o cômodo enterrado: atrás de suas paredes há somente terra. É também o local onde se enterram temores e mistérios do inconsciente humano: “ele é a



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

princípio o ser obscuro da casa (...) a loucura enterrada, dramas murados” (BACHELARD, 1993, p. 37-38).

É quando estão lá, no porão, que o maior medo deles se concretiza. De lá eles ouvem o som do corpo da mais jovem das Lisbons, Cecília, caindo. Ela finalmente havia conseguido: seu corpo jazia sobre a cerca do jardim da casa. A cerca traz a ideia de domínio, de recinto protegido, fechado. Cecília, ao se matar, cai sobre a cerca da casa, contaminando seu sentido de proteção. Após o enterro de Cecília, vizinhos retiram a cerca da casa, que está tão enraizada, incrustada naquele lugar, que tirá-la se torna uma grande dificuldade.

A presença da morte é constante em ambas narrativas. A Casa de Bernarda Alba começa e termina com o luto. Em *As Virgens Suicidas* a morte começa com as árvores e se alastra até as Lisbons.

As árvores estão presentes em toda a rua e até mesmo em seu jardim, e a ligação dessas com as meninas é muito trabalhada no filme. As árvores em questão são os olmos, ou olmeiras, são uma árvore muito associada ao elemento feminino. Conta a mitologia teutônica que a primeira mulher sobre a terra foi criada a partir de um olmo. Tais árvores estavam sendo contaminadas por um fungo que viajava pelo ar, uma árvore contaminava a outra, assim como fora com as Lisbons: “Primeiro foi Cecília, espalhando o veneno pelo ar” (*As Virgens Suicidas*, 1999). A última vez que todas as irmãs Lisbons são vistas fora de casa é quando elas tentam salvar a árvore de Cecília, que está para ser cortada. É essa também a última tentativa que fazem de tentar lutar pela vida.

As árvores, símbolos da vida, “pilar central que sustenta o templo ou a casa, na tradição judaico-cristã, (...) coluna vertebral a sustentar o corpo humano, templo da alma” (CHEVALIER, 2007, p. 85) estavam morrendo e iam sendo cortadas enquanto as meninas Lisbons, suas ninfas habitantes, desvaneciam-se, se transformando em sombras.

*ADELA: ¡Aquí se acabaron las voces de presidio! (ADELA ARREBATA EL BASTÓN A SU MADRE Y LO PARTE EN DOS.) Esto hago yo con la vara de la dominadora. (GARCÍA LORCA, 2007, p. 168)*

Adela e as Lisbons são prisioneiras de suas casas, da moral e extrema vigilância de suas mães. Trancafiadas em casas, seus corpos

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

são a única fronteira que podem fazer ser transposta. Eram jovens encarceradas, aprisionadas dentro dos limites da casa, mas com essa ainda a oferecer o abrigo do devaneio, do sonho. A partir do momento que percebem que nunca poderão ter mais do que isso, que só havia uma forma de deixar aquela casa, tiram suas vidas, realizando o único ato de vontade própria que ainda lhes era permitido.

*PONCIA. No pasa nada por fuera. Eso es verdad. Tus hijas están y viven como metidas en alacenas. Pero ni tú ni nadie puede vigilar por el interior de los pechos. (Ibidem, p. 150)*

As mães vigiaram tanto o interior das casas com medo que uma ameaça exterior adentrasse aquelas paredes que se esqueceram que o interior de cada um não há como vigiar. Essa vigia constante da casa, essa clausura a que são submetidas, acaba fazendo com que a única opção para escapar dela seja a morte, cristalizando o trágico.

A última imagem que temos da casa dos Lisbons é de uma casa sem objetos pessoais, coberta com panos, uma casa tumular: “O que veio depois delas não era vida. Uma sala escura em pleno dia (...). Elas não nos ouviram chamar, daqueles quartos de onde entram para a solidão eterna” (*As Virgens Suicidas*, 1999).

Ao fim de ambos os dramas, as casas se convertem em túmulos. Em *As Virgens Suicidas*, ao decorrer de um ano, todas as Lisbons encontram o suicídio. Em *A Casa de Bernarda Alba*, Adela, a mais rebelde das Alba, também encontra a morte pelo próprio punho e as demais Alba encontram a morte em vida, isolando-se ainda mais do mundo, sepultadas naquela casa.

### **4. Considerações finais**

O presente trabalho procurou analisar o espaço ficcional da casa nas obras selecionadas, *A Casa de Bernarda Alba* (1936), de Federico García Lorca, e *As Virgens Suicidas* (1999), de Sophia Coppola.

Vimos o percurso da casa, de berço a sepulcro, buscando, a partir da exploração desse espaço, aclarar o sentido ficcional. Tal exploração se torna fundamental para uma compreensão mais densa do desenvolvimento do enredo e das personagens.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Nas obras em questão a casa se apresenta como cárcere, prisão, até culminar em túmulo. Em *As Virgens Suicidas*, todas se matam. Em *A Casa de Bernarda Alba*, há o suicídio de Adela e a morte em vida das demais. A casa torna-se o túmulo dessas mulheres, sua primeira e última habitação.

As casas presentes em nossa análise contestam os valores que tradicionalmente lhe são atribuídos, demonstrando que os espaços não podem ser estereotipados, já que possuem vida própria, não possuindo uma imagem fixa, imutável.

Vimos como pode ser dual a natureza da casa, que pode ser abrigo ou cárcere. Quando o seu valor de proteção é ultrapassado, suas paredes, ao invés de apenas acolher, apertam e espremem seus habitantes. Sob vigia constante, a casa perde seu valor de proteção e passar a ser elemento de repressão, exercendo uma função castradora, carcerária e até mesmo tumular. O que encontramos aqui não é um espaço acolhedor, mas claustrofóbico.

Nestas obras, a casa acaba atuando como o elemento cristalizador do trágico, pois os desfechos alcançados surgem como resultado do enclausuramento das jovens na casa de suas famílias, em que a morte se apresenta como o único caminho de se livrar do cárcere.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Atonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *A psicanálise do fogo*. Trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral, 1989.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagens, textos e identidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 157-179.

CARAMURU, Anna Carolina de Azevedo. *Prisión fuera de la cárcel: aspectos mítico-simbólicos en La Casa de Bernarda Alba y Volver*. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. 35 p, Tesina de fin de curso impressa – Literatura Hispânica.

**Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

CHEVALIER, Jean & CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: MOTTA, Manoel Barros (org). *Michel Foucault Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos & Escritos. v. III) p. 411-422.

GARCÍA LORCA, Federico. *La casa de Bernarda Alba*. 1ª ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Longseller, 2007.

*VIRGENS suicidas (As)*. The Virgin Suicides. Roteiro e direção: Sophia Coppola. Intérpretes: James Woods; Kathleen Turner; Kirsten Dunst; Josh Hartnett e outros. [Manaus: Paramount Pictures], 1999. 1 DVD (97 min).